

Empresas aguardam definições

O Real desencadeou uma avalanche de projetos, mas muitos ainda não saíram do papel

por Sandra Gomide
de São Paulo

A estabilidade econômica e as mudanças do consumo no País após o Plano Real atraíram a atenção dos investidores internacionais e motivaram as empresas brasileiras a ampliar e modernizar a sua produção industrial. Na prática, porém, muita coisa foi dita e pouca foi feita. As grandes companhias dos setores automobilístico, siderúrgico e eletrônico, que no ano passado anunciaram sua entrada no Brasil, não concretizaram seus planos e os projetos permanecem no papel. Para os economistas, além da redução do chamado "custo Brasil", falta segurança para o planejamento no longo prazo.

"Pelo que todos falavam parecia que iria ocorrer uma tromba d'água, mas acho que não será bem assim", afirma o professor Wilson Cano, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), um dos economistas mais céticos em relação à entrada de capital no País.

A ansiedade em relação aos novos investimentos justifica-se não somente pelo dinheiro direto que eles representam, mas também pela capacidade de multiplicação dos investimentos nas empresas menores, pela geração de empregos e pela própria história econômica brasileira dos últimos anos. O economista Luciano Coutinho, também da Unicamp, lembra que não se falava em investimentos de grande porte há mais de quinze anos. Depois do Real, houve uma avalanche de empresas com planos de novas fábricas e aumento da produção, como Mercedes-Benz, Renault, Honda e Volkswagen. "Os investimentos estavam deprimidos até 1993 e só depois começaram a melhorar", diz Coutinho.

Os dados da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Abimaq) confirmam esse comportamento. No ano passado, foram gastos US\$ 18,65 bilhões na compra de máquinas e equipamen-

tos para modernização da produção industrial. Em 1993, o setor investiu apenas US\$ 13,81 bilhões.

Embora as perspectivas para a realização de novos investimentos sejam muito mais otimistas do que antes do Real, o novo ciclo de desenvolvimento ainda encontra algumas dificuldades. Na opinião dos economistas especialistas no assunto, existem vários pontos da economia brasileira que atrapalham os investimentos.

A política de juros altos, uma das âncoras do Plano Real, contribui para encarecer os empréstimos e a produção nacional, interferindo diretamente na questão da competitividade das empresas. Essa característica conjuntural da economia, aliada ao "custo Brasil", forma uma combinação de elementos que mais encarece o custo da produção no Brasil.

"As grandes companhias estrangeiras querem investir em países onde há previsões de lucro em vinte ou trinta anos e por isso são tão cautelosas em suas decisões", diz o economista Josef Barat, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), co-autor do Boletim Indicadores Antecedentes.

A falta de uma política industrial e o tímido papel do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) são outros fatores que inibem a realização de novos investimentos. "Na década de 70, o BNDES tinha um desempenho mais ativo no crescimento do País, mas nos últimos anos transformou-se num mero balcão de empréstimos", critica Coutinho.

Além disso, há setores produtivos que claramente necessitam de uma política industrial definida, capaz de orientar os investimentos e determinar as diretrizes de crescimento. Os dois exemplos mais típicos são as indústrias de calçados e têxteis que, após o Plano Real, encontraram dificuldades para tornar-se competitivas e adequar-se ao novo perfil da economia.

As principais diferenças entre este novo ciclo de investimentos e o realizado na década de 70 concentram-se no papel do Estado e na origem dos recursos. O economista Josef Barat entende a importância dos recursos privados para a realização de novos investimentos, mas não descarta a atuação do Estado. "É um erro achar que o Estado está fora das decisões. Ele continuará sendo o maior gerenciador dos investimentos, sejam privados ou não", diz Barat.

O economista Joaquim Elói Cirne de Toledo, vice-presidente da Nossa Caixa, é mais otimista e acredita que os números escondam um pouco os resultados dos investimentos brasileiros. Cirne de To-

ledo lembra que a metodologia utilizada pelos institutos de pesquisa para calcular a taxa de investimentos esteja um pouco defasada.

"Utilizamos o ano de 1980 como base de comparação, mas de lá para cá os preços dos bens de capital aumentaram e os conceitos de produção mudaram muito", afirma Cirne de Toledo. Segundo ele, o Brasil no ano passado pode ter poupado um pouco mais do que, por exemplo, os 16% do Produto Interno Bruto (PIB) que as estatísticas demonstram. "Para este ano, calculamos algo em torno de 18% do PIB, mas se atualizarmos os números poderemos chegar a 21%", prevê Cirne de Toledo. ■

Editoria de Arte/Gazeta Mercantil

A corrida do mercado interno

(Vendas internas de veículos em milhões de unidades)

